



CAIO RITER

Maria Degolada, santa assombrada

Ilustrações Joãocaré

edelbra

3ª edição, 1ª impressão

Ilustrações: Joãocaré

Projeto gráfico: Victória Piffero

Revisão: Mônica Ballejo Canto

R598m Riter, Caio, 1962-
Maria Degolada, santa assombrada / Caio
Riter; ilustrações de Joãocaré. – 3. ed. – Porto Alegre:
Edelbra, 2014.
64 p. : il. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-66470-56-7

1. Literatura infantojuvenil. I. Joãocaré, ilustrador.
II. Título

CDU 087.5

Catálogo na fonte: Paula Pêgas de Lima – CRB 10/1229

2014

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4400 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida
ou copiada, por qualquer meio,
sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

CAIO RITER

Maria Degolada, santa assombrada

Ilustrações Joãocaré

edelbra







Psiu, silêncio.

Muito silêncio. Em noite de lua cheia, toda feita de redondeza, bem dependurada no céu, não se deve falar alto. Senão. Senão o pior sempre pode acontecer. E há coisas que ocorrem sem nem mesmo a gente saber o porquê. Acontecem e pronto. Nada de explicação, apenas um enorme aperto no peito da gente que vai confirmando que aquilo que acontece é verdade, ou parece ser.

Eu era um guri de uns dezesseis anos, se bem me lembro. Por isso, nem duvido. Nem quero duvidar.

Psiu, silêncio.

É noite de seres assombrosos andarem soltos, vagando por aí, à procura sabe-se lá do quê. Melhor, então, é mesmo fazer silêncio. No máximo, um cochicho, sussurro bem

baixinho, coisa de quem respeita esses que vêm do Além. Seres assombrosos. Às vezes, seres de meter medo. Às vezes, criaturas que só provocam o bem. Todos vindos de outros mundos. Mundos que a gente nem conhece e nem entende direito. Mas que existem. Ah, existem sim.

Afinal, muito há escondido nas dobras da noite, nas histórias que ouvimos contar. Um homem contador de histórias tantas sempre tem lá seu saber maior. Seres que vêm sabe-se lá de onde estão por aí, soltos e prontos, caso tenham desejo, para nos assustar, para fazer com que nosso coração quase salte pela boca. Aí, a garganta seca, o choro seca, o grito seca antes mesmo de brotar. Tudo seco dentro da gente, o que fica é apenas — só e apenas — o medo.

Foi bem assim que aconteceu comigo naquela sexta-feira. Era meia-noite.

Mas, oh, cale e ouça. Está ouvindo?

Parece vento, mas não é não. É lamento de jovem morta ainda antes do casamento, jovem toda feita, todinha, de tristeza. Ela chora. Chora muito. Só no silêncio você poderá ouvir seu lamento. Ela chora, reclama por não ter podido viver tudo o que tinha para viver, resmungando pelos vestidos não vestidos, pelas danças não dançadas, pelos amores não amados, pelos beijos não dados. A morte levando tudo, levando a própria moça e mais o tanto que ela gostaria de ter vivido. Afinal, uma jovem, toda feita moça de alegria, gosta mesmo é de viver. De viver e de sonhar.

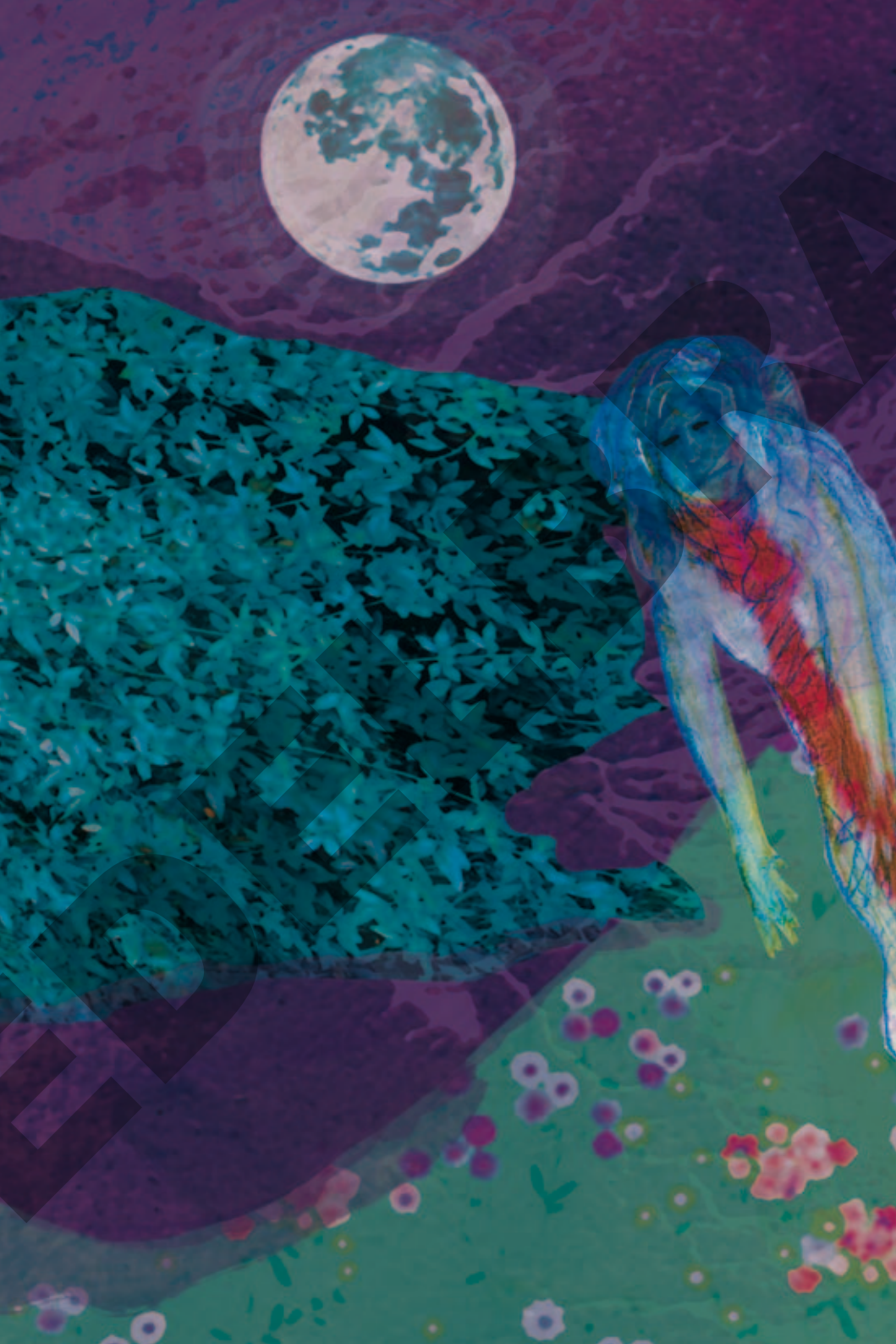
Psiu, silêncio, é ela que vem ali, já escuto seu riso triste, já sinto seu hálito frio de moça assassinada.

Oh, é ela, a Degolada. Silêncio, é ela.

Caminha tão leve que nem pegadas deixa, caminha quase voa; seus passos são leve roçar de pés nas pedras das calçadas. É ela, a Maria Francelina Trenes, a Degolada.

ED DEL BRA





E se você é jovem valente, é jovem que quer mesmo ouvir a história da jovem Maria, eu té conto. Temo, mas conto. Tremo de medo, mas conto. Sinto arrepio, e conto.

É história de assombrar a gente, porém é também toda cheia de beleza. No entretanto, tem de ser bem baixinho, pois contar sempre acorda os espíritos tristes, as assombrações soltas por aí: os vampiros, as mulas que nem cabeça têm, as gentes que se foram sem terem ido, os fantasmas, os outros tantos e mais.

Eu conto. Vou contar sim, mas, psiu, silêncio. Vou falar baixinho, vai que ela escute. Vai. Nem quero ver. E, se conto a vocês a história da Degolada, é porque ela mesma me foi contando, quando num dia de brincadeira, mais por deboche das histórias que meus colegas contavam na escola, eu a invoquei.

Sim, eu a chamei. Muitos duvidam que eu tenha tido tal coragem. Tive. E a invoquei. Assim: parei diante do espelho e fui eu mesmo chamando, três vezes, e descrendo de

que ela fosse aparição. Mas ela foi. Apareceu ali, bem diante de meus próprios olhos, que foram se arregalando de medo, de pânico até. O fantasma da Maria Francelina, sangue a escorrer do pescoço degolado, falando para mim a desgraçada história de sua morte. A voz era de quem não é mais deste mundo.

Eu era guri, tinha lá meus quinze ou dezesseis anos, não recordo bem. Era todo metido a valentão, a corajoso. Por isso, debochei dos meus colegas; por isso, a invoquei; por isso, me apavorei diante da bela mulher, olhos de nenhum brilho, que me olhava fixa de dentro do espelho e, de repente, foi dizendo de onde vinha.

Tremi.

Mas permaneci firme. E ouvi tudo o que ela tinha a me dizer.

E, se você quer saber também a história da Maria Francelina Trench, alemoa nascida na Alemanha e vinda ainda criança de colo para o Brasil, escute. Eu vou contar.





Psiu, silêncio.

Ela vem chegando, a Maria Degolada vem bem devagarzinho. Mal não causa, mas e o medo? Imagina ver bem assim, frente a frente, ser vindo do Além, assombração? Eu não queria ver não. Achava té que nem existiam estes seres. E você, acredita no que estou contando? Hoje, eu sei. Hoje, eu sei o que vi: a Maria lá no dentro do espelho.

Pois então.

Conta-se (e nesse contar cada um vai acrescentando um pouco ou mais) que na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, lá pelos finais de um outro século, vivia uma jovem. Moça bela, filha de gente humilde. Todinha feita de alegria. Moça de se olhar no espelho, sempre se achando linda. A mais linda. Seu nome era Maria Francelina, como já disse. E tinha cabelos claros, pele lisa como vestido de seda sem desenhos, pouco desejosa de casamento, mulher de muitos namorados. E esse tipo de moça, namoradeira como ela

só, sempre provoca ciúme no coração dos homens que vão por ela se apaixonando. E ciúme, quando é em demasia, provoca que provoca é perdição.

Maria adorava dançar. Adorava passear pelas ruas de pedra da cidade. Olhares muitos se voltando para ela. Os jovens a comentar:

— Mas é bonita essa Maria. Eu com ela até casava.

Já as moças, protegidas debaixo de suas sombrinhas coloridas ou guardadas em suas janelas, ao vê-la passar, murmuravam entre si.

— Vestido pobrinho o dela. Uma namorada sem respeito, isso sim.

E a Maria apenas seguia, olhos firmes adiante. Gostava dos elogios dos rapazes. Mas casar não pretendia não. A vida era pouca para tudo o que ela queria viver.

Era assim a vida da Maria, antes da desgraça ocorrer.





ED EDEL BRA

edelbra

www.edelbra.com.br



Psiu, silêncio.
Ela vem chegando, a Maria
Degolada vem bem devagarzinho.
Mal não causa, mas e o medo?
Imagina ver bem assim, frente
a frente, ser vindo do Além,
assombração? Eu não queria ver
não. Achava té que nem existiam
estes seres. E você, acredita no
que estou contando? Hoje, eu
sei. Hoje, eu sei o que vi: a Maria
lá dentro do espelho.



edelbra